



Carlos Relvas - José Relvas
Monarquia – Fotografia – República
Uma questão de família – Uma questão de época

Conferência por: José Soudo

Junta de Freguesia da Vila de Oliveirinha



Conferência associada ao *workshop*:

“O Património e a actividade na freguesia de Oliveirinha”

orientado pelo fotógrafo Adriano Miranda



18 de Dezembro de 2010

Introdução

Construí o esboço das linhas estratégicas que me levaram à preparação da conferência - **“Carlos Relvas - José Relvas. Monarquia – Fotografia – República. Uma questão de família - uma questão de época”** – por mim proferida no salão Nobre da Vila de Oliveirinha no distrito de Aveiro, pelas 17 horas do dia 18 de Dezembro de 2010, a partir das ideias-chave inseridas na sinopse publicada no portal www.imagensdarepublica.ipt.pt .

Foi esta conferência o complemento de índole cultural do *workshop* – **O Património e a actividade na freguesia de Oliveirinha** - estruturado e orientado pelo fotógrafo Adriano Miranda, eventos semelhantes a outros promovidos e realizados em todas as capitais de distrito, que integraram oficialmente a Fotografia nas Comemorações do Centenário da República.

Em Oliveirinha, a conversa durou cerca de três horas e aconteceu numa forma nada coloquial, com o visionamento de mais ou menos 700 imagens que nos serviram de oportunidade para a comemoração dos **100 anos da República Portuguesa** e também para relembrar os 171 anos passados sobre o dia **19 de Agosto de 1839**, data essa em que o físico **François Arago** fez a apresentação **na Academia de Ciências de Paris**, da qual era Secretário Permanente, do **“processo inventado por Niépce e aperfeiçoado por Daguerre”**.

A contextualização das épocas em que Carlos Relvas e José Relvas viveram, levou ao enquadramento dos respectivos legados patrimoniais e políticos nos momentos mais significativos da História da Fotografia, desde os múltiplos antecedentes que levaram ao seu aparecimento como actividade regular nos finais dos anos 30's do século XIX, até à sua “modernidade” nos finais do mesmo século e décadas iniciais do século XX.

Alguns dos antecedentes do nascimento da República e do nascimento da Fotografia, foram associados entre si nesta interpretação histórica pois pela evidência se encontram múltiplas sobreposições de datas e de

acontecimentos em ambas as situações, que nos permitiram especular sobre histórias paralelas, por vezes opostas, por vezes em sintonia.

Tudo se passou como se folheássemos entre amigos um álbum com fotografias de família.

No final foi lícito afirmar-se que estivemos a:

analisar o passado, a compreender o presente e a perspectivar o futuro.

1. AS ÉPOCAS DE CARLOS RELVAS E DE JOSÉ RELVAS

Sobre **Carlos Relvas** (1838/1894), opulento lavrador da Golegã, de profundas convicções e vivências monárquicas, ***photographe amateur***, investigador e entusiasta apaixonado pela novidade que a fotografia representou na sua época, figura grande de Portugal e do mundo no século XIX, foi afirmado que nos dias de hoje é quase desconhecido e inacessível para muitos de nós e certamente ficará na história como uma personagem bastante enigmática.

De **José Relvas** (1858/1929), filho de Carlos Relvas, distinto membro do Partido Republicano Português, onde entrou aos 50 anos de idade, mencionou-se que por ser o elemento mais antigo do Directório do PRP, foi ele o incumbido de fazer a proclamação da República, no dia 5 de Outubro de 1910 à varanda da Câmara Municipal de Lisboa, que exerceu o cargo de Ministro das Finanças de 12 de Outubro a 4 de Setembro de 1910, sendo o responsável pela criação do escudo durante esse ministério, que até finais de 1913, ocupou o cargo de Embaixador de Portugal em Espanha e que regressou de novo ao Senado como parlamentar até 1915 e que por último ocupou o cargo de Primeiro-Ministro de um governo de reconciliação nacional entre 17 de Janeiro e 30 de Março de 1919, retirando-se para a sua vida de abastado lavrador após a queda deste governo.

2. AS IDEIAS DA REPÚBLICA QUE NASCERAM ANTES DA REPÚBLICA

Sob o pretexto das épocas em que estas duas personalidades tão controversas da mesma família viveram, falou-se das **ideias da República que nasceram antes da República** e referiram-se datas e acontecimentos que incendiaram o mundo no século XVIII. Evocou-se a década explosiva vivida em França de 1789 a 1799, conhecida por **Revolução Francesa** e que pode ser entendida como uma consequência directa da **Revolução de Independência Americana** de 1776.

Desta Revolução Francesa dos finais do século XVIII, que viveu uma ditadura, uma monarquia constitucional e dois impérios a terminar com o poder a passar duma forma convulsiva para Napoleão Bonaparte que governou no período compreendido entre 1804 e 1815, ficou-nos para a actualidade, algo de tão enraizado na cultura contemporânea como os ideais de ***Liberté – Egalité – Fraternité***.

Foram lembrados acontecimentos vividos, em países como a França, Bélgica, Espanha, Portugal e Brasil no ano de 1830, conhecidos por **revoluções liberais**, aos quais se seguiram e espalharam por toda a Europa os ideais socialistas durante a chamada **Primavera dos Povos** em 1848.

Citaram-se as palavras de **Karl Marx** quando disse que “...*foi a primeira revolução a erguer as cores da república social...*”, para se referir à experiência da **Commune de Paris**, com uma duração muito curta de cerca de 40 dias após a insurreição popular de 18 de Março de 1871 e que representou uma efectiva aplicação da utopia socializante.

Todas estas convulsões políticas e sociais, tiveram reflexos directos e indirectos em Portugal e a propósito foi lembrado o assassinato do General Gomes Freire de Andrade em 1817, assim como a **Revolta do Porto** em 1819, acontecimentos associáveis entre si e que culminaram na queda do

poder Inglês em Portugal, com a destituição do General Beresford em 1820, enquanto a corte se mantinha refugiada no Brasil.

Lembrou-se que de 1828 a 1834 Portugal viveu uma **Guerra Civil** entre Liberais e Absolutistas liderados respectivamente por D. Pedro e por D. Miguel e que o PRP – Partido Republicano Português nasceu em 1880, durante e a propósito do muito célebre tricentenário da morte de Camões. Que no ano de 1890, a credibilidade da monarquia foi profundamente abalada com a chamada crise do **Mapa Cor de Rosa**, por falta de uma atitude firme e enérgica na reivindicação do quinhão português perante a comunidade das nações da Europa, na decisão de retalharem entre si o continente africano e as suas riquezas imensas. Que na cidade do Porto aconteceu a revolta do **31 de Janeiro de 1891** e que os ideais da **Carbonária** se implantaram em Portugal cerca de 1897/1898.

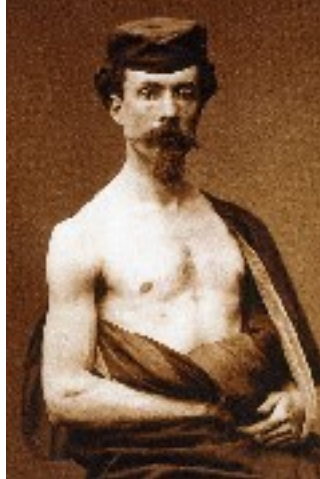
O **regicídio** contra o rei D. Carlos e o príncipe Luís Filipe, levado a cabo em Lisboa a 1 de Fevereiro de 1908, por Manuel dos Reis Buíça e Alfredo Costa, com a cumplicidade do escritor Aquilino Ribeiro, dramático acontecimento político, semelhante a outros havidos pela Europa contra as monarquias no poder, também tinha que ser recordado.

Concluiu-se nesta análise, que todos os acontecimentos mencionados encaminharam a vida de Portugal para a queda efectiva da Monarquia e culminaram naturalmente na implantação da **República em Portugal** no dia **5 de Outubro de 1910**.

3. CARLOS RELVAS (1838/1894), “*PHOTOGRAPHE AMATEUR*”

Carlos Relvas-1838/1894

“*Photographe amateur*”



Em particular e a propósito de Carlos Relvas,

... dos mais prestigiados na sua época, fidalgo da Casa Real, Comendador da Ordem de Nossa Senhora da Conceição de Vila Viçosa, opulento lavrador e proprietário na Golegã.....,

destacaram-se os diversos estudos feitos até ao momento sobre ele, dando-se ênfase ao livro, ***Carlos Relvas Fotógrafo – Contribuição para a História da fotografia em Portugal no século XIX*** (INCM -1984), da autoria do ilustríssimo Professor Doutor **António Pedro Vicente**, figura de grande relevo no meio académico, cultural e político em Portugal e no Mundo, nomeado há cerca de 20 anos como Presidente da “1ª Comissão de Estudo para atribuição de estatuto à Casa-Estúdio de Carlos Relvas na Golegã”.

O citado livro é considerado na actualidade como o impulsionador de todas as futuras reflexões e documentos que vieram a ser posteriormente escritos sobre a figura de Carlos Relvas.

Também foram naturalmente destacados outros livros, onde o que é

essencial sobre Carlos Relvas está mencionado e dito, tais como:

Uma História de Fotografia de António Sena. Edição INCM. 1991.

História da Imagem fotográfica em Portugal de António Sena. Porto Editora. 1998.

Carlos Relvas e a Casa da Fotografia. Edição IPM/MNAA. 2003.

Carlos Relvas e a sua Casa-Estúdio. Edição Município da Golegã. 2006.

Nesta conversa entre amigos, pareceu-nos lícito afirmar que, pelo menos na aparência, “...**sobre Carlos Relvas está tudo dito e tudo escrito...**” e por essa razão considerou-se mais relevante analisar o seu trabalho e a sua obra no contexto do período em que ele viveu e que se cruza com o que de mais romântico houve e há na História da Fotografia do século XIX em Portugal e no mundo. Tal leitura facilitou um melhor entendimento sobre a figura do fotógrafo.

Simbolicamente, terminou-se esta reflexão nas primeiras décadas do século XX, o tempo político de seu filho José Relvas e da implantação da República.

3.1. Carlos Relvas e a sua Casa-Estúdio

O legado patrimonial que Carlos Relvas nos deixou, representado no essencial pela Casa-Estúdio enquanto património edificado e pela colecção de cerca de 11000 fotografias que lhe poderão ser atribuídas enquanto fotógrafo, tinha que ser naturalmente referido.

Sobre a Casa-Estúdio, há uma questão que é crucial destacar na personalidade de Carlos Relvas.

Só **poderia** possuir o que de melhor houvesse, tanto em termos de equipamentos para tomada de vistas, como em termos das respectivas tecnologias de apoio.

Para poder aplicar o que de melhor havia em conceitos de iluminação na sua época, percorreu meio mundo para se inteirar do que existia e do que se fazia.

Com a sua fortuna e sendo ele um diletante, naturalmente na Golegã só se

poderia construir o melhor sistema de iluminação controlada do seu tempo, a **Casa-Estúdio**.

O primeiro piso da casa representa o que nos dias de hoje se poderia entender como a aquisição do melhor equipamento de iluminação, da melhor marca e na versão mais topo de gama, equipado com câmaras fotográficas e respectivos meios ópticos, também em versão topo de gama, meios óptico para os quais muito contribuiu no seu desenvolvimento e pelos quais ganhou prémios e medalhas internacionais.

Nos pisos de baixo, instalou-se o que à época representaria o que de melhor se poderia possuir em sistemas de processamentos químicos das imagens produzidas quer no estúdio quer no exterior, assim como equipamento de apoio à reprodução das matrizes efectuadas.

Se nos reportarmos aos dias de hoje significaria que se estava a comprar os sistemas mais avançados de processamento de imagem, fossem eles analógicos ou informáticos. Tudo isto para se resolver um problema de trabalho que é básico em fotografia e que continua actual.

Qualquer fotógrafo de hoje saberá, tal como no passado, é preciso articular os seguintes meios de trabalho que se resumem a:

Luz; Materiais fotossensíveis; Câmaras fotográficas;

Foi o que **Relvas** naturalmente **fez!**

3.2. A questão do controlo da luz e a construção da Casa-Estúdio



Carlos Relvas deu início à construção da sua **Casa-Estúdio** segundo projecto de **Henrique Carlos Afonso**, o que aconteceu entre 1871 e 1875, no entanto antes da existência e conclusão deste novo espaço, Carlos Relvas utilizou durante a década de 1860's, um outro estúdio instalado num anexo da casa da lavoura, que mais tarde cedeu a sua filha **Margarida** com o intuito de a levar à prática regular de fotografia, objectivo não totalmente conseguido e que contraria teses muito recentes onde se pretende comprovar sem fundamentação sustentada que a família Relvas seria uma família de fotógrafos, à semelhança da família Cardinali das actividades circenses, acrescento eu com ironia e bastante mágoa.

Referiu-se que à época, a construção desta casa-estúdio, qual templo da fotografia para Carlos Relvas, ladeado pelos bustos de Niépce e Daguerre na entrada principal como dois anjos protectores, representou o que de melhor se poderia possuir em sistema de controlo de iluminação, tão em voga por

todo o mundo. Seria o mesmo que na actualidade possuir-se o *flash* ou o iluminador de estúdio da versão mais topo de gama, da melhor qualidade e com as melhores características.

3.3. Algumas das tipologias fotográficas mais significativas do trabalho de Carlos Relvas.



Da obra de Carlos Relvas conhecida até ao momento, que se fundamenta apenas em cerca de 500 fotos de entre as 11000 que constituem o total da colecção, destacou-se que nesta casa ou fora dela foram fotografados: **Familiares e amigos; Artistas e mendigos; Reis e rainhas; Auto-retratos e auto-encenações; Naturezas mortas e arranjos florais; Arquitecturas e património; Acontecimentos e animais; Paisagens e registos de viagens; Estereofotografia e objectos de arte; etc., etc., etc., etc., etc..**

Mendigo fotografado em 1880



Rei D. Luís fotografado em 1882



4. CONCLUSÃO

Os assuntos mencionados foram abordados em Oliveirinha durante as três horas de conversa entre amigos à volta destas ideias-chave,

“Carlos Relvas - José Relvas.

Monarquia – Fotografia – República.

Uma questão de família - uma questão de época”.

no entanto e porque não há espaço para colocar tudo o que se viu e falou neste livro-catálogo, apenas vos digo que garantidamente foram citados ensinamentos históricos sobre a física da luz, apreendidos pelo homem desde tempos inenarráveis e a propósito disso envolveu-se o nome de **Leonardo da Vinci** (1452/1519) a partir do seu texto ***Codex Atlanticus*** onde este descreveu a formação de imagens num quarto escuro - ***camera obscura*** - ensinamento científico que afinal não é mais do que um legado do cientista árabe, **Ibn Hassan Ibn Al-Haitham** (965/1038), vulgarmente conhecido por Alhazen ou Alhacen e que no século X/XI se limitou a aplicar o quarto escuro de observação - ***Al-bayt al-muthlim*** - para desenvolver mais conhecimento nas áreas das ciências da astronomia e da cartografia e que já eram do conhecimento comum nos séculos V e IV AC e aplicados por Mo-Ti na China ou por Platão e Aristóteles na Grécia Clássica.

Do desenvolvimento desses ensinamentos e com a aplicação de um meio óptico ao pequeno buraco do quarto escuro, culminou-se na miniaturização do mesmo sendo este novo equipamento referido no tratado ***Magiae Naturalis*** escrito em 1558 por **Giovanni Battista Della Porta** (1535/1615). Do século XVI para cá, desenhadores e pintores usaram regularmente a câmara de Porta, antecessor de qualquer tipo de câmara fotográfica, até das mais actuais. A propósito lembrou-se **Johannes Vermeer** (1632/1675) e a sua caracterização em cinema no recente filme **“A menina do brinco de pérola”**.

Também foram citadas alquimias medievais e estudos de reactividade dos sais de prata perante a luz, feitos em séculos tão diferenciados, pelo persa

Abu Musa Jabir Ibn Hayyan (721/815), o italiano **Angelo Sala** (1576/1637), o alemão **Heinrich Schultz** (1687/1744), ou o sueco **Carl Wilhelm Scheele** (1742/1786) entre muitos outros, para se chegar às imagens pré-fotográficas produzidas em pleno século XVIII com meras finalidades lúdicas para gáudio dos nobres na Corte Inglesa, feitas por **Thomas Wedgwood** (1771/1805), com a colaboração de **Humphry Davy** (1778/1829).

Resultavam estas imagens da aplicação de nitrato de prata sobre papel de aquarela e também sobre couro branco.

Com objectos ou outros materiais translúcidos tais como plantas, colocados em cima deste emulsão fotossensível, o nitrato de prata escurece perante o sol, permitindo a visualização do “desenho” em silhueta dos ditos objectos.

As imagens obtidas eram muito instáveis diga-se de passagem, mas representaram o primeiro passo para a utilização durante os séculos XIX, XX e ainda no século XXI, da base fotossensível com sais de prata, como suporte do registo de imagem a que se agora se chama de analógico por oposição ao registo dito digital.

Assistiu-se ao nascimento da fotografia, através da actividade de pioneiros de referência como o inglês **William Henri Fox Talbot** (1800/1877), ou o francês com ascendência lusa, **Louis Jacques Mandé Daguerre** (1787/1851) ou o francês considerado o provável “pai” e “inventor da fotografia, **Joseph Nicéphore Niépce** (1765/1833).

A propósito, após a morte de Niépce, Carlos Relvas contribuiu com uma avultada verba para a construção do monumento de homenagem que foi mandado erigir em Chalon-sur-Saône no sul de França. Os mais esquecidos ou negligenciados pela história no mundo e em França, como **Hercule Florence** (1804/1879) também com ligações familiares a Portugal ou “o afogado” **Hippolyte Bayard** (1801/1887), tinham naturalmente que ser referidos.

Analisaram-se todas as tipologias fotográficas ou quase, que chegaram e outras que não chegaram à Golegã desde as décadas de 1840's até ao final do século XIX, as que se podem considerar que marcaram e influenciaram Carlos Relvas e aquelas onde ele efectivamente não se reviu.

Claro que as tão proclamadas medalhas de Carlos Relvas obtidas enquanto sócio membro da **Société Française de Photographie**, sociedade à qual

pertenceram os melhores fotógrafos mundiais do século XIX também foram mencionadas, assim como os prémios que ganhou como investigador ou apenas como **“photographe amateur”**, incluído os polémicos prémios atribuídos a sua filha Margarida e à sua segunda esposa Mariana em certames internacionais.

Analisou-se a tão proclamada ideia de único fotógrafo da sua época, que em certos círculos de reflexão é atribuída a Carlos Relvas, salientando-se à época de Carlos Relvas, a presença em Portugal de muitos fotógrafos amadores e profissionais. Portugueses uns e outros estrangeiros, que se radicaram em Portugal nas décadas próximas que antecederam e precederam a época de Carlos Relvas e que o terão feito por razões diversas, mas em que a mais significativa prende-se com as características excepcionais da luz no nosso país.

Também se referiu a presença em Portugal desde os anos de 1840's dos auto-designados **“Engenheiros Fotógrafos”**, que solicitavam autorização em diversas cidades do país, para montar o seu arraial fotográfico no centro das mesmas, com o intuito de fazer retratos a quem solicitasse a sua prestação de serviços e publicitando a sua presença nos periódicos da altura.

Fez-se ainda uma pequena intrusão nas primeiras décadas do século XX, período áureo de seu filho José, para se entender os caminhos traçados pela modernidade na fotografia, olhando-se olhares surrealistas e outros construtivistas, sem deixar de referir realistas sociais assim como cronofotógrafos que levaram ao nascimento do cinema.

Por último e porque me parece que deve ser do domínio público, fez-se um alerta para o hipotético perigo em que pode estar o património fotográfico de Carlos Relvas constituído pelas cerca de 11000 imagens regressadas de novo à Golegã, sob a tutela da actual presidência da autarquia.

Foram listados alguns pressupostos técnicos que os representantes do Instituto Politécnico de Tomar – IPT, no **CEFGA** – Centro de Estudos em Fotografia da Golegã, diagnosticaram como não cumpridos por parte dos responsáveis autárquicos, conforme a responsabilidade que lhes competia na

recepção e acondicionamento da colecção de Carlos Relvas ora regressada à Golegã.

Este incumprimento levou a que os elementos representantes do IPT no CEFGA, apresentassem a sua demissão desta estrutura criada por protocolo em 2008, como forma de denunciar institucionalmente perante os seus superiores, a situação ora vivida, para que se proceda em conformidade.

Para bem de um património edificado e documental que já poderia ser da Europa ou do Mundo, terminei fazendo votos para que a situação referida se ultrapasse e resolva pelo melhor e rapidamente, pois é minha convicção que o efémero é próprio da natureza da vida política, ao passo que o património é permanente e será sempre de todos, não podendo por isso mesmo ser pertença de ninguém em particular.

A personagem controversa de Carlos Relvas, merecerá melhor sorte que o serôdio aproveitamento político da sua obra que se pressupõe notável.

Concluiu-se tudo com o lembrar de que após a homenagem que lhe foi feita cinco anos após a sua morte, uma espécie de manto de opacidade caiu sobre Carlos Relvas e o seu património, até perto dos anos 1980's...

...”Em lugar de honra foram colocadas algumas fotografias de Carlos Relvas. Tratou-se da Exposição Nacional de Photographos Amadores, apadrinhada pelo Rei D. Carlos, em preito de homenagem àquele ainda considerado como o primeiro entre os fotógrafos amadores. Aconteceu no último dia de 1899.”



Carlos Relvas – f.1894

Referências bibliográficas:

Tratado theorico e pratico de Photographia de José António Bentes. Edição Livraria A.M. Pereira. 1866.

História da Fotografia - ciência para gente nova de Rómulo de Carvalho. Edição Atlântida. Coimbra. 1952.

The History of Photography de Beaumont Newhall. Editora Amazon. 1982.

Carlos Relvas - fotógrafo de Prof. Dr. António Pedro Vicente. Edição INCM. 1984.

History of Photography de John Szarkowski. Editora Amazon. 1994.

A World History of Photography de Naomi Roseblum. Editora Amazon. 1997.

História da Imagem fotográfica em Portugal de António Sena. Edição Porto Editora. 1998.

Uma História de Fotografia de António Sena. Edição INCM. 1991.

Carlos Relvas e a Casa da Fotografia. Edição IPM/MNAA. 2003

Carlos Relvas e a sua Casa-Estúdio. Edição Município da Golegã. 2006.

“Uma pequena história do mundo” de Ernst H. Gombrich. Editora Tinta da China. Edição de bolso. 1ª edição. 2009.

Google - motor de busca para imagens on-line sobre História da Fotografia.

Fotografias: Carlos Relvas (pag. 6, 9, 10 e 14)

Oliveirinha, 19 de Dezembro de 2010

José Soudo